

# O VIETNÃ EM PERSPECTIVA



William C. Westmoreland

*General-de-Exército (R/1) do Exército dos EUA, formado pela Academia Militar de West Point. Foi Chefe do Estado-Maior do Exército de 1968 a 1972. Serviu também como superintendente da USMA, como comandante-geral do XVIII Corpo Aeroterrestre e da Força Estratégica de Aprestamento do Exército e como comandante do Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã.*

*Durante o período pós-2ª Guerra Mundial, crescemos de maneira demasia-  
da nos campos econômico, militar, psicológico e político. Cometemos um grave er-  
ro no Vietnã e por isso traímos um aliado. É de nosso interesse nacional determinar  
onde erramos e não varrer a sujeira da casa para debaixo do tapete. O autor foi figu-  
ra central nas operações militares dos EUA no Vietnã e apresenta certas conclusões  
interessantes a respeito de quaisquer operações militares futuras dos EUA.*

*Este artigo é uma versão condensada de um discurso pronunciado pelo Ge-  
neral-de-Exército Westmoreland em 11 de abril de 1978 na ECEME/EUA.*

**O**s últimos anos têm sido traumáticos para os EUA. O Vietnã e Watergate têm ocupado a cena principal. O episódio do Watergate foi dissecado, vituperado e explorado. Já foi decididamente atribuída a culpa desse caso sórdido. Algumas lições foram aprendidas, mas tal não aconteceu com o desastre do Vietnã.

Não mais existe Vietnã do Sul; foi absorvido pelo Vietnã do Norte após clamorosa agressão. Extinguiu-se, talvez para sempre, a chama da liberdade. Nossa outrora honrado país traiu e desertou a República do Vietnã depois de havê-la atraído para nosso seio. Foi uma atitude ignóbil por parte dos EUA, uma mancha em nossa História e uma possível influência maléfica em nosso futuro. Foi prejudicada nossa credibilidade. É de nosso interesse nacional que essa experiência infeliz não seja varrida para debaixo do tapete e olvidada. Há lições a serem aprendidas e vulnerabilidades em nosso sistema nacional que necessitam de exame minucioso.

Como vivi bem de perto com esse assunto por muitos anos, talvez minhas observações e análises sejam de interesse. Creio que foi Josh Billings quem disse: "Não é tanto pelo fato de sermos ignorantes, mas porque sabemos tanto que não é verdade". Contudo, existe uma verdade válida aceita pela maioria: a maneira de conduzir o caso Vietnã foi um erro nacional vergonhoso. Nossa interesse no Vietnã do Sul nasceu no período pós-2ª Guerra Mundial, motivado por uma preocupação a respeito de um avanço comunista incontrolável contra as áreas inseguras e instáveis. Em 1947, o Presidente Truman expôs a política nacional que nos comprometia a um apoio incondicional aos "povos livres que estão resistindo à tentativa de subjugação por parte de minorias ou de pressões externas". O Congresso aprovou essa doutrina por grande maioria. Em 1950, enviamos uma missão militar a Saigon. O Presidente Eisenhower ressaltou a política de " contenção" associada à sua estratégia de retaliação maciça.

Ao ser eleito presidente, Kennedy interessou-se no chamado conceito de "guerra de pequenas proporções", preocupou-se com o efetivo e a prontidão do Exército que, na sua opinião, haviam sido negligenciados no governo Eisenhower, aumentou o valor do Exército e patrocinou pessoalmente os "Green Berets" (Boinas Verdes). Ele previu o advento do equilíbrio nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética. Depois de sua confrontação verbal com Kruschev em Viena, em 1961, acredita-se que Kennedy tenha dito a Scotty Reston de *The New York Times*: "Nosso problema é tornar nosso poder digno de crédito, e o Vietnã parece ser o lugar".

Kennedy caracterizou o tom de sua administração em seu discurso de tomada de posse, quando prometeu que nosso país iria "aceitar qualquer ônus, enfrentar qualquer dificuldade, apoiar qualquer amigo e opor-se a qualquer inimigo a fim de garantir a sobrevivência e o êxito da liberdade". Daí ter ele aumentado tanto o nosso esforço militar no Vietnã com assessores, Boinas Verdes, helicópteros tripulados por americanos e aeronaves de emprego tático.

O jovem presidente, em seu zelo, cometeu um grave erro em aprovar nosso envolvimento na deposição do Presidente Diem do Vietnã do Sul. Esta ação encerrou-nos moralmente naquele país. Prevaleceu o caso político durante dois anos. Se não fosse por nosso envolvimento nos assuntos políticos do Vietnã do Sul e com base em considerações pragmáticas, poderíamos ter airosoamente retirado nosso apoio face a uma falta comprovada de unidade no Vietnã do Sul. Por outro lado, seguindo o exemplo dos pronunciamentos da tomada de posse de Kennedy, é duvidoso que sua administração ou a de Johnson tivesse corrido o risco de repercussões políticas. O discurso de tomada de posse de Kennedy ainda ressoava nos ouvidos dos americanos.

Johnson herdou o problema e manteve a maior parte dos assessores de seu antecessor. Ele estava obcecado com seu programa da "grande sociedade". Na esperança de que a guerra desaparecesse, tomou certas decisões com o endosso de líderes do Congresso, que estavam fadados a prolongar a guerra indefinidamente. Expandiu nosso esforço militar a fim de evitar derrota inevitável e aumentou a dívida

nacional para fazê-lo. Sua política de "canhões e manteiga" resultou em negócios como de costume — de fato, uma economia em crescimento rápido. Ninguém "aceitou o ônus, enfrentou a dificuldade", exceto os que estavam no campo de batalha e seus entes queridos. De fato, se não fosse pela cobertura sensacional dos meios de comunicação levada pela primeira vez aos lares americanos, poucos teriam notado que estávamos em guerra.

O Presidente anunciou que não a ampliariamos. Isso estabeleceu para nós uma estratégia defensiva terrestre e deu ao inimigo grande liberdade de ação. Uma força na ofensiva é mais poderosa do que uma na defensiva, porque tem a iniciativa e pode concentrar sua força onde e quando preferir sem preocupar-se com a segurança das zonas de retaguarda.

A administração Johnson formulou uma estratégia sumariamente descrita como: conter o inimigo, derrotá-lo no Sul, ajudar a construir um país, bombardear os alvos relacionados à guerra no Norte de maneira gradativa até que o inimigo perceba que não pode vencer e, assim, negociará ou aceitará tacitamente um Vietnã dividido.

O problema é que o bombardeio era intermitente — um termômetro de pressão política interna. Hanói adaptou-se a cada fase da escalada. O inimigo percebeu não decisão e força mas insegurança e fraqueza política, não só por parte de ações oficiais mas também de elementos verbais e emocionais de nossa sociedade que preferiram resistir ativamente à nossa política nacional. Dessa síndrome surgiram sofismas e clichês, tais como "guerra ilegal" e "guerra imoral". Os líderes em Hanói previram que poderiam vencer o conflito politicamente em Washington, como fizeram contra os franceses em Paris em 1954.

Os controle e prosseguimento da guerra não eram conducentes à sua conclusão. Com base no êxito do estrito controle pessoal de Kennedy com respeito à ação tático-militar durante a crise dos mísseis cubanos, os seus assessores, cuja maioria foi conservada por Johnson, consideraram esse controle como o meio moderno de enfrentar um inimigo.

A aprovação da Resolução do Golfo de Tonquim por uma apreciável maioria do Congresso, em 1964, concedeu ao Presidente autoridade para comprometer forças militares quando considerasse necessário para alcançar nossos objetivos. À medida que se permitia que a guerra se prolongasse, a disposição do Congresso, refletindo atitudes públicas, por sua vez influenciadas profundamente pelos meios de comunicação — em particular por reportagens diárias na televisão — afastou-se cada vez mais da política do Poder Executivo. À medida que a guerra se tornou controversa, o Presidente deveria ter solicitado uma confirmação formal sobre a Resolução do Golfo de Tonquim. Na realidade, a liderança do Congresso deveria tê-la exigido.

Por outro lado, a política da administração Johnson era discreta. Tanto o Presidente como os líderes do Congresso temiam um debate nacional aberto. Estavam incertos acerca das repercussões políticas e estavam mais preocupados com os "falcões" do que com os "pombas", no tocante à teoria conveniente de que a China

Vermelha poderia ser provocada a entrar na guerra. Seus temores foram concretizados. Não era evidente a importância do Vietnã à nossa segurança, e o idealismo implícito nas palavras de Kennedy desapareceu na obscuridade.

Cortinas de fumaça eram semanalmente lançadas por políticos partidários, intelectuais, meios de comunicação e grupos de "cruzadas". Como atestam nossos prisioneiros de guerra, a propaganda instilada pelos seus captores comunistas era uma repetição de declarações de membros do Congresso e de outras personalidades públicas.

A decisão do Presidente e do Congresso de diferir o serviço militar de estudantes universitários foi um erro lamentável com repercussões amplas. Essa política imprudente foi perniciosa à nossa sociedade, degradante às nossas instituições acadêmicas e prejudicou nosso esforço de guerra. Era discriminatória, antidemocrática e resultou numa guerra combatida principalmente pelo filho do homem pobre. Atribuo os sentimentos emocionais antiguerre nos campos universitários a um complexo de culpa e à frustração de ter que possivelmente participar de uma guerra controlada por uma política de não vencer.

O Curso de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) nos campos tornaram-se o "bode expiatório" simbólico, e essa fonte de oficiais foi prejudicada. Em outras guerras, as Forças Armadas buscavam seus oficiais nos campos universitários. Durante a guerra do Vietnã, negou-se-lhes praticamente essa fonte de jovens inteligentes e com capacidade de liderança. Portanto, o Exército foi obrigado a baixar os seus padrões para o oficialato, e alguns elementos não-qualificados foram declarados oficiais.

Em 1970 venceram muitos diferentes universitários, e o Exército recebeu milhares de recrutas como soldados rasos com diplomas universitários e de pós-graduação. Muitos proviam de campos com tensões emocionais. Criou-se uma inversão educacional, com muitos soldados mais cultos do que seus sargentos e muitos dos tenentes.

Surgiu um problema de comunicação que teve de ser resolvido por métodos singulares. Surgiram jornais e cafés subterrâneos, e apareceu um novo léxico: o homem de carreira era um "lifer"<sup>\*\*</sup>, um voluntário era "assassino pago". Distribuíam-se folhetos quando os homens deixavam os seus postos militares, urgindo-os a frustrar a disciplina militar. Tudo isso era feito em nome de dissensão.

Veio então a ofensiva do Tet por parte do Vietnã do Norte em 1968, reação do inimigo a seus grandes reveses no Sul em 1967. O seu objetivo era infligir uma derrota militar ao Vietnã do Sul e aos americanos, bem como fazer o povo sul-vietnamita rebelar-se contra o regime de Saigon.

---

\* lifer — vocábulo de acepção pejorativa para descrever os militares de carreira. Nota da Edição Brasileira.

A derrota militar do inimigo foi tão implacável que foram necessários quatro anos para a sua recuperação. Não houve levantes públicos. Quando as pessoas fugiam dos invasores norte-vietnamitas, esse fato era freqüentemente descrito pelos meios de comunicação como movimento para evitar o nosso ataque aéreo e a artilharia. A maioria das unidades sul-vietnamitas combateram bem, mas nos círculos dos meios de comunicação não era "moda" falar algo favorável sobre o Vietnã do Sul. Esses meios iludiram o povo americano com suas reportagens sobre a ofensiva do Tet e mesmo vários funcionários do governo em Washington foram enganados.

Um antigo axioma militar diz que: "Quando você sentir que o inimigo foi atingido, não diminua mas aumente a pressão contra ele". Apesar da recomendação dos militares no sentido contrário, nossos líderes políticos diminuíram a pressão contra o regime de Hanói e atraíram o inimigo para a mesa de conferência. Sentaram-se em Paris por mais de quatro anos e decidiram somente uma coisa: a configuração da mesa de conferência. Nossas ações oficiais e extra-oficiais não incentivaram Hanói a agir de forma contrária.

Para demonstrar esse princípio, desejo fazer-lhes lembrar que em 1972, depois que o Porto de Haiphong foi minado, e os B52 foram usados pela primeira vez contra importantes alvos militares no Vietnã do Norte, Le Duc Tho e seus colegas vieram à mesa de conferência e chegaram a chorar dizendo que não podiam agüentar mais. Podíamos ter exercido essa espécie de pressão contra Hanói depois da derrota da ofensiva do Tet. O inimigo teria sido forçado a negociar de acordo com os nossos termos e milhares de vidas teriam sido salvas.

Mas isso não aconteceu. Os grupos contrários à guerra dedicaram-se a resistir à política nacional. Eles queriam pôr termo ao conflito. Mas quem não queria? É lamentável que os que dissentiam em alta voz eram os que inadvertidamente encorajavam o inimigo a continuar. E foi exatamente o que ele fez, pois qualquer medida prática destinada a encorajá-lo a mudar a sua estratégia agressiva era solapada por expressões e ações que refletiam falta de decisão, compreensão ingênua da guerra ou "feliz ignorância" da linguagem que os comunistas compreendem — decisão demonstrável.

Enquanto nossos soldados lutavam e morriam pelo princípio da liberdade e pelo direito de dissintir, o que presenciamos em nosso país? Incendiar a bandeira, difamar os funcionários públicos, destruir edifícios do CPOR, jovens que mentiam e enganavam para se tornarem isentos do serviço militar, queimar fichas do recrutamento militar, resistir à convocação fugindo para o Canadá e para a Suécia — conduta irracional mês após mês. Alguns a chamavam de democracia em operação. Seria melhor defini-la como anarquia. Seja qual for o nome, ela encorajou os nossos inimigos, prolongou a guerra e, o que é contristador, custou vidas.

Em 1969, adotou-se uma estratégia de retirada sem nenhum *quid pro quo* por parte de Hanói. A liderança norte-americana continuou a promover a ficção de que o conflito era basicamente uma guerra civil — uma revolução popular. A ofensiva do Tet deveria ter acabado com esse mito. Deveria ter sido óbvio que, como a

Guerra da Coréia, tratava-se de uma guerra de agressão por parte dos comunistas do Norte.

Após a pressão finalmente exercida contra os norte-vietnamitas pela invasão de suas bases no Camboja, incursão no Laos, colocação de minas submarinas no Porto de Haiphong e ataques dos B52 contra o Vietnã do Norte, o inimigo decidiu pela primeira vez negociar com seriedade. No início de 1973 chegou-se a um acordo, o qual, embora deficiente em muitos aspectos, era teoricamente exequível. Mas qualquer esperança de êxito foi logo destruída pela Emenda Case-Church à Lei de Dotações de 1974, a qual proibia quaisquer verbas:

*... para financiar direta ou indiretamente as atividades de combate das forças militares dos EUA no Vietnã do Norte, Vietnã do Sul ou Camboja, nesses países ou a partir de seu litoral.*

Isso foi reconhecido por Moscou e Hanói como nosso instrumento de capitulação; eles podiam violar o Acordo de Paz de Paris e sair impunes. Além disso, o Congresso cortou a ajuda militar ao Vietnã do Sul pela metade e ameaçou suspendê-la por completo — tudo isso depois de nossos presidentes assegurarem repetidas vezes por meio de emissários e por escrito ao Presidente Thieu que apoiaríamos completamente suas forças militares depois de nossa retirada e reagiríamos se o inimigo violasse o Acordo de Paris. Como bem sabemos, no início de 1975 o acordo foi flagrantemente violado; Hanói conseguiu vencer o jogo. Os Estados Unidos haviam-se paralisado.

O General Van Tien Dung, que comandou as forças invasoras de Hanói, conta a história em seu relatório do êxito da conquista do Vietnã do Sul. Afirmou ele com exatidão que a redução na ajuda militar dos EUA, determinada pelo Congresso, afetou seriamente a capacidade de combate do Exército Sul-Vietnamita.

Calcula ele que o poder de fogo do Exército Sul-Vietnamita foi cortado em 60 por cento em virtude da escassez de bombas e comunicações, enquanto a sua mobilidade foi reduzida pela metade por causa de aeronaves e viaturas indisponíveis como resultado da escassez de peças sobressalentes e combustível. Thieu, disse ele, foi obrigado "a lutar a guerra de homem pobre". Por outro lado, as forças norte-vietnamitas estavam totalmente equipadas e eram apoiadas pela Rússia e pela China. Dung não deu crédito significativo ao vietcongue local.

Os líderes em Hanói estudavam nossos sistemas políticos sensíveis e as vulnerabilidades de nossa sociedade aberta. Não era acidental o fato de a maior parte de suas iniciativas estarem astutamente coordenadas com nossas eleições nacionais. Eles desejavam encorajar nossos líderes políticos a tomarem decisões com base na conveniência política em vez de em critério sensato baseado na experiência. Alcançaram êxito considerável.

Sob o aspecto de cobertura da imprensa, a Guerra do Vietnã foi, ao mesmo tempo, a que recebeu maior e menor cobertura em toda a História — se considerarmos, para o primeiro caso, o que foi noticiado sobre Saigon, e, para o segundo, o que foi noticiado sobre Hanói. As famílias americanas em seus lares podiam assistir

pela televisão o derramamento de sangue inevitavelmente presente em qualquer campo de batalha. A guerra foi noticiada pela primeira vez como crime numa batida policial ou como uma campanha política em que vale tudo.

Hanoi pôde cultivar a ficção de que não havia tropas norte-vietnamitas no Sul, de que a guerra era basicamente uma revolução popular e de que se tratava de uma guerra ilícita e imoral. É impressionante que um grande número de nossos cidadãos e alguns representantes dos meios de comunicação tenham sido enganados pela propaganda de Hanoi.

Thieu tornou-se alvo favorito da imprensa e foi injustamente difamado, ao passo que a conduta dos líderes autocráticos do Norte não recebeu o mesmo tratamento. Alguns dos meios de comunicação sugeriram, por meio de suas reportagens subjetivas, que a nova nação sul-vietnamita, sem experiência na democracia ou mesmo em autogoverno devia ser tão democrática e livre de corrupção como a América com quase dois séculos de experiência. Esperava-se presumivelmente que ele demonstrasse uma forma avançada de democracia, lutando, ao mesmo tempo, por sua sobrevivência.

Em comparação, os líderes inimigos pareciam ser os "mocinhos". Não havia câmaras de televisão atrás das linhas inimigas. Todas as notícias do Vietnã do Norte eram propaganda para servir seus propósitos. E foi, de fato, o que aconteceu. Lembrei-me da expressão: "se um grande carvalho cair despercebido numa floresta remota, ele nem existe nem cai".

Numa situação em que as vidas de nossos homens estavam em jogo, é lamentável que tantos tivessem feito todo o possível para solapar o apoio a uma política relacionada com seis presidentes e endossada por nove congressos. Tal desunião evidente manteve para os líderes de Hanoi as perspectivas da vitória. É triste afirmar que nossa sociedade aberta e nossos sistemas políticos foram manipulados com maestria por Hanoi e Moscou para servir a seus interesses.

Esta análise não seria completa sem mencionar os militares e seus colegas civis que procuraram com tanto zelo tornar válido o compromisso de nossos líderes nacionais para com o povo do Vietnã do Sul. Esses homens e mulheres atuaram admiravelmente em circunstâncias singulares na História. Não é fácil manter o moral no campo de batalha se há dúvidas sobre o apoio do povo americano.

Minha tese é simples. Nossa país cometeu um erro crasso no Vietnã e daí traiu um aliado escolhido. Pode-se aprender mais do fracasso do que do êxito. Em nosso interesse nacional, procuremos determinar onde erramos. Não proponho nenhuma investigação de culpados, mas insisto em que não devemos varrer a sujeira da casa para debaixo do tapete.

Desejo encerrar com conclusões minhas de caráter amplo.

Crescemos demasiadamente no período pós-Segunda Guerra Mundial nos campos econômico, militar, psicológico e político. O dia do juízo era inevitável. Nossa política externa deve ser objeto de revisão não-partidária pelo menos bienal-

mente. Devemos desenvolver uma política externa bipartidária, livre de política o máximo possível.

Quando houver ameaça de guerra, nossos líderes militares merecem voz mais forte na elaboração da política. Quando nossos líderes políticos nos empenham num guerra, a voz militar deve receber consideração prioritária.

É injusto e fatal enviar nossas tropas para o campo de batalha se não forem respaldadas pelo país.

Quando formos à guerra, o ônus e a dureza devem ser compartilhados por vários setores da nossa sociedade.

Devemos dar ouvidos a um antigo provérbio oriental: "o tigre usa toda a sua força para matar um coelho" e devemos usar a força adequada para pôr termo à guerra.

Quando nossa reputação nacional e as vidas humanas estiverem em jogo, os meios de comunicação devem mostrar um senso de responsabilidade mais convincente. Como país, devemos estar atentos para que nossos adversários não manipulem outra vez a vulnerabilidade de nosso sistema político e de nossa sociedade aberta.

O episódio do Vietnã é uma paródia do modo como os EUA devem funcionar. Mas os homens e as mulheres que vestiram honrosamente o uniforme de seu país podem orgulhar-se de seu desempenho — e mais de 97 por cento o fizeram. No período de 1964 a 1973, menos de 3 por cento dos 7,5 milhões ou mais de homens deram baixa desonrosa do serviço militar. Não é esse o quadro que alguns procuram pintar para o povo americano.

Durante a era da Guerra do Vietnã, os militares americanos — milhões de homens e mulheres patrióticos — foram:

- Leais e prontos a servir a seu comandante-em-chefe, o Presidente.
- Hábéis e bravos no campo de batalha segundo a melhor tradição americana.
- Humanitários e compassivos (houve relativamente poucos casos de mau comportamento e desobediência, mas foram assaz propalados).
- Merecedores de confiança no desempenho de suas obrigações — outra vez com algumas exceções.

Os homens mantidos como prisioneiros de guerra demonstraram lealdade a seu país e orgulho dele, e a coragem e vigor para resistir à intimidação. Todos, com poucas exceções, aderiram ao Código de Conduta e deram grande crédito à nossa nação. Nossos combatentes continuaram firmes e não vacilaram ao serem cobertos de injúrias por elementos mal orientados de nossa sociedade.

Mas o ônus e o desgaste de uma guerra, a que se permitiu continuar por sete longos anos, teve suas repercuções nos indivíduos envolvidos, nas famílias militares e na organização do serviço militar. Todos passaram na prova. O desempenho au-

lêntico das Forças Armadas causou impressão favorável sobre a grande maioria dos nossos compatriotas. Uma recente pesquisa de opinião feita por uma respeitável organização (Potomac Associates) informou que o povo americano tem mais confiança na "liderança militar" de nosso país do que em qualquer outro setor da sociedade, exceto em si mesmo.

Os militares desempenharam seu papel admiravelmente em toda nossa História, e continuam a fazê-lo. São o epítome do patriotismo e da lealdade a nossos ideais.

O soldado, ao interceder pela paz, deve estar preparado para enfrentar as durezas da guerra e sofrer suas cicatrizes.